

A projeção da Índia sobre o Oceano Índico no século **XXI: um alinhamento que levou mais de seis séculos**

*India's projection of the Indian Ocean in the 21st century: an alignment that took
more than six centuries*

Manuel Gonzalo ¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é traçar uma hipótese de trabalho acerca da relevância do Oceano Índico no início do século XXI. A linha argumentativa é a seguinte: recém no século XXI a Índia pode aspirar a ter um poder relativamente autônomo e centralizado na figura de seu Primeiro Ministro e, ao mesmo tempo, começar a ter uma não hegemônica embora estratégica presença militar/naval no oceano Índico. Isto pode ser lido como uma paulatina maior projeção regional da Índia, passando de uma estratégia de inserção internacional do tipo *soft power*, característica da política de não-alinhamento de Nehru, até outra com uma maior carga de poder militar - principalmente nuclear e naval, própria da doutrina do Partido Popular Indiano. A análise se subdivide em três grandes períodos. O primeiro se inicia com a chegada de Vasco da Gama a Calicut, em 1498, ano a partir do qual a história da Índia vai permanecer permeada pelas forças

¹Lic em Economia (UBA), Maestrado em economia industrial (UNGS) e Doctorando em economia (UFRJ)

que chegam do oceano Atlântico. A instalação, penetração e consolidação territorial da Inglaterra na Índia constitui o segundo período. Finalmente, o terceiro período se inicia depois da independência indiana, onde as principais características de sua democracia, a partir das tensões limítrofes com a China e Paquistão, entre a URSS e os Estados Unidos e, atualmente, entre a os Estados Unidos e a China.

Palavras-Chave: Índia, poder militar, Oceano Índico, *longue durée*.

Abstract

The purpose of this essay is to outline a working hypothesis about the relevance of the Indian Ocean in the early 21st century. The line of argument is as follows: in the twenty-first century India could aspire to have a relatively autonomous and centralized power in the figure of its Prime Minister and, at the same time, begin to have a non-hegemonic though strategic military / naval presence in the Indian Ocean . This can be read as a gradual regional projection from India, moving from an international insertion strategy of the soft-power type, characteristic of Nehru's non-alignment policy, to another with a greater military-mainly nuclear and naval power, proper to the doctrine of the Indian People's Party. The analysis is subdivided into three major periods. The first begins with the arrival of Vasco da Gama in Calicut in 1498, a year from which India's history will remain permeated by forces arriving from the Atlantic Ocean. The installation, penetration and territorial consolidation of England in India constitutes the second period. Finally, the third period begins after Indian independence, where the main characteristics of its democracy, from the border tensions with China and Pakistan, between the USSR and the United States and, currently, between the United States and China.

Keywords: India, military power, Indian Ocean, *longue durée*.

1. Introdução

A projeção da Índia sobre o Oceano Índico no século XXI: um alinhamento que levou mais de seis séculos².

O subcontinente indiano é reconhecido pela sua heterogeneidade geográfica, cultural, religiosa, e pela sua longa história (Metcalf e Metcalf, 2013). A história indiana inclui lances de absoluta vanguarda para a humanidade,

² Agradecem-se os comentários e sugestões feitas por Eduardo Crespo e Mauricio Metri a uma versão previa deste ensaio e a revisão do português realizada por Luisa Iachan. Todos os erros são responsabilidade do autor.

como a criação da universidade de Nalanda durante a dinastia Gupta (310-510), ao mesmo tempo que períodos sujeitos a grãos de submissão brutais, que foram centrais para a emergência do sistema interestatal capitalista que hoje conhecemos. Neste sentido, abordar a inserção da Índia num esquema global de expansão de poder de longo prazo, em um ensaio deste tipo, implica fazer recortes, deixar sem abordar centenárias discussões e apresenta um risco importante de demasiada simplificação. Não obstante, o objetivo das linhas que se seguem é traçar uma hipótese de trabalho acerca da relevância do Oceano Índico no início do século XXI. Assim, basicamente tentaremos mostrar que recém neste século a Índia pode aspirar a ter um poder relativamente autônomo e centralizado e, ao mesmo tempo, começar a ter uma não hegemônica embora estratégica presença militar no oceano Índico. Isto pode ser lido no marco de uma maior projeção regional da Índia, passando de uma estratégia de inserção internacional do tipo soft power, característica da política de não-alinhamento de Nehru, até outra com uma maior carga de poder militar, principalmente nuclear e naval. Embora, este processo começa a desenvolver-se com Indira Gandhi, se aprofunda a partir da chegada ao poder do Partido Popular Índio (BJP), a finais da década de 90 e, atualmente, através do atual primeiro ministro Narendra Modi.

Em termos conceituais, o ensaio se baseia em algumas das categorias e esquemas desenvolvidos em Fiori (2014, 2007, 2004). Em particular, para analisar a trajetória e inserção da Índia no esquema de poder global, se dará uma ênfase especial nos seguintes elementos: 1) a pressão competitiva entre poderes territoriais -e imperiais- que se concretiza através de diferentes tentativas de "cercar" à Índia; 2) os processos de centralização e fragmentação do poder territorial dentro do subcontinente indiano; 3) o fiscalismo militar, como forma de financiamento endógeno da Companhia Britânica das Índias Orientais (a partir de agora, CBIO); 4) os elementos religiosos que possibilitaram alianças, disciplinaram internamente e geraram confrontações pelo domínio territorial, e 5) à importância do poder militar -e tecnológico- como determinante último da concorrência interestatal.

No plano metodológico-temporal, se adota uma visão de longo prazo, de inspiração braudelina (Braudel, 1987; 1996). Mais especificamente, a análise se subdivide em três grandes períodos estruturantes da história indiana. O primeiro se inicia com a chegada de Vasco da Gama a Calicut, Índia, em 1498. Ao respeito, ao menos duas explicações devem ser feitas. Por um lado, a história da Índia é muito mais longa e rica que a escolhida para começar esta análise. Por outro, este recorte pode aparecer como carregado de uma “bias” demasiado eurocêntrico. Não obstante, se escolhe esta data com a explícita intenção de conectar a concorrência entre os proto-estados europeus, lá no século XV, na pré-história do capitalismo contemporâneo, com a evolução da trajetória histórica da Índia. Neste sentido, a partir da chegada de Vasco da Gama, a história da Índia vai permanecer ligada e permeada pelas forças que chegam do oceano Atlântico, seja Portugal, França, Holanda, Inglaterra ou, mais contemporaneamente, os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, é relevante aclarar que este primeiro período de penetração e disputa das potências navais-imperiais européias, isto é, Portugal, França, Holanda e, posteriormente, Inglaterra pelo Oceano Índico, não inclui a penetração territorial dentro do subcontinente. Para trabalhar este período seguiremos principalmente a Panikkar (1953).

A penetração e consolidação territorial da Inglaterra no território indiano constituem o segundo período a ser esboçado neste ensaio. Primeiro, através da CBIO, e logo, mais "institucionalmente", na conformação do Raj Britânico. Os autores de referência serão Metcalf e Metcalf (2013) e Dalrymple (2015). Finalmente, o terceiro período se inicia depois da independência da Índia, onde as principais características da democracia indiana atual são construídas, a partir das tensões limítrofes com a China e Paquistão, no plano mais geral da guerra fria, entre a URSS e os Estados Unidos e atualmente na disputa entre a China e os Estados Unidos. A intenção do texto é chegar inclusive até o "tempo conjuntural", a final de 2015, ano que termina com a Índia como a economia com a maior taxa de crescimento do PIB do mundo e o terceiro maior gasto em defesa. As referências para este período serão mais variadas embora, Kaplan (2013, 2011, 2010) seja uma das principais.

A seguir, se desenvolvem cada uma das três etapas antes mencionadas, e se apresenta, posteriormente, uma reflexão final.

2. A penetração e o domínio português do Oceano Índico (1498-1600)

O avanço dos turco-otomanos sobre o mediterrâneo, que tem seu máximo ponto simbólico na toma de Constantinopla em 1453, significou, entre outras coisas, a interrupção do fluxo comercial entre Europa e Ásia. Isto motivou os europeus a procurar rotas alternativas para chegar à China e à Índia. Particularmente, foi desde a península ibérica que se lançaram os empreendimentos navais que culminaram com a chegada de Colombo à América e Vasco da Gama à Índia. Assim, de maneira simplificada, pode-se dizer que foi o "cerco otomano", o que gerou uma reação "para fora" de parte da península ibérica.

No caso de Portugal, o "cerco otomano" teve implicações tanto religiosas (pois, em 1454, Henrique, "o navegador" recebeu do Papa Nicolau V os direitos sobre a descoberta da Índia), territoriais/patrióticas (os turcos estavam nas costas, de frente para o Mar Mediterrâneo, o que gerou um consenso interno na necessidade de sair "para fora"), e comerciais (o fluxo de comércio dentro do Mediterrâneo tinha sido afetado fortemente). Dentro destes três fatores impulsores, segundo Panikkar (1953, p. 14), a principal motivação foi a comercial:

Even when the motive of weakening Islam was proclaimed as a major objective, it is significant to note, as Albuquerque said in his speech to his soldiers at Malacca, that it was by excluding the Moors from the spice trade that the Portuguese hoped to sap the strength of Islam. Trade, enforced by a naval supremacy, was the simple policy of the Portuguese.

Neste sentido, vale aclarar que a motivação comercial não se baseava precisamente no "jogo das trocas", porém em estabelecer um monopólio comercial que possibilitasse a captura de quase-rendas mercantis.

O caminho de Vasco da Gama à Índia também tem um esforço trabalhoso que incluiu séculos de experiência e capacitações navais, fortes necessidades de financiamento e uma firme decisão política. Henrique "o navegador" aparece como a figura que centralizado este empreendimento. No que se refere as capacitações, Portugal aproveitou o acúmulo de conhecimentos que provinham da concorrência entre Genova e Veneza durante o século XIII e XIV, pela hegemonia do comercio no mediterrâneo, incorporando dentro de sua armada marinheiros provenientes da tradição genovesa. Como destaca Panikkar (1953, p. 24),

The Iberian Peninsula, and Portugal especially, had become in a sense the heir to the Genoese tradition. In 1317, Manoel Pessanha, a Genoese noble, was made hereditary admiral of the Portuguese fleet and he undertook to provide experienced seamen to command the galleys of the king... Many of Pessanha's captains were Genoese noblemen like himself. During the course of a century of association the Portuguese became not only thoroughly imbued with the spirit of Genoa's maritime adventure, but took over from her the unfinished mission of finding an alternative route to the East.

Para Henrique, chegar à Índia tinha virado uma obsessão. Assim, os recursos da Ordem de Cristo, herdeira da Ordem dos Cavaleiros Templários, na qual ele era o Grande Mestre, foram majoritariamente utilizados para financiar as explorações marítimas. Sagres converteu-se no que hoje denominaríamos um grande centro de P e D, congregando matemáticos, cartógrafos, prisioneiros mouros que tinham diferentes conhecimentos sobre a Índia. Isto foi institucionalizado posteriormente como a Academia Naval de Sagres, que aportava conhecimento naval de vanguarda para os marinheiros portugueses. Também é preciso ressaltar que a costa africana já tinha sido explorada por marinheiros índios anteriormente, os quais depois colaborariam com Vasco da Gama no cruzamento do Índico.

A chegada de Vasco da Gama à Calicut, embora tenha representado um enorme esforço para os portugueses, não foi uma novidade em termos marítimos: os indianos e os árabes, entre outros, já tinham cruzado o Índico séculos antes. A grande novidade foi o poder de fogo dos navios portugueses, como assinala Panikkar (1953, p. 29):

The arrival of the San Gabriel in the Indian Ocean introduced also another revolutionary factor: the ship carrying cannon... the armament of the Portuguese ships was something totally unexpected and new in the Indian seas and gave an immediate and decisive advantage to the Portuguese over their Indian opponents. The only non-European Power which had developed gunnery on the sea was the Ottoman Empire, and when the Portuguese arrived at Calicut the Turks had no navy in the Indian Ocean.

Até a chegada dos portugueses, o Índico era o cenário da concorrência comercial entre os comerciantes índios e os árabes, mas não de um campo de batalha naval-militar.

Mas o domínio naval do Índico também implicou um forte esforço financeiro para manter a presença militar no mar:

Armada followed armada in unending succession under trained captains and the Portuguese chiefs in the Indian waters knew that men and ships were on the way bringing succour to them. Even in the most difficult circumstances they could therefore hold out with the firm conviction that help was not far away... the Portuguese Government had the financial backing of the great merchant princes of Antwerp who, realizing the revolutionary change in trade that the Portuguese discoveries involved, had hastened to annex the benefits. The Weslers, for example, had invested in the Portuguese voyages of 1505, and the Lisbon Government had found it necessary as early as 1503 to open a depot for spices in Antwerp. To this system of continuous reinforcements... must be attributed the success that attended the navies of Portugal on the Eastern seas (Panikkar 1953, p. 35).

Depois da chegada à Calicut, Vasco da Gama autodeclarou a soberania da navegação no Índico para os portugueses, saqueando e bombardeando diferentes barcos. Como consequência, embora a primeira recepção de parte do Zamorin de Calicut tivesse sido boa, a partir da belicosidade de Vasco da Gama, tiveram lugar uma serie de enfrentamentos navais nos portos do sul da Índia. Esta tensão aconteceu praticamente durante tudo o século XVI, e envolveu também o Sultão do Cairo e o Sultão de Gujarat, que tinham interesses comerciais na área. Contudo, é relevante destacar que durante todo este tempo, os portugueses nunca lograram penetrar territorialmente na Índia, sofrendo uma derrota humilhante em Calicut. O que eles lograram foi estabelecer fortes e

postos em Goa, Calicut e Ceilan, através de parcerias com os poderes locais ou depois de um processo de longa negociação e diplomacia:

Goa was no doubt occupied and converted into a great base, but this was with the help of Tulaji, the Hindu chief of the area, who joined with the Portuguese in order to weaken the Adil Shahi Sultan's authority in the neighbourhood. Also, it should be remembered that Goa was at an extremity of Adil Shai's extensive dominions and its conquest and fortification by the Portuguese were matters of great importance to the Hindu Empire of Vijayanagar in its campaigns against Islam. The Vijayanagar Emperors were quick to realize that Goa provided them an outlet to the sea, through which they could get not only arms and equipment, but the horses which they needed so much for their cavalry. Actually, therefore, the conquest of Goa was not the establishment of the Portuguese as a land power in India, but the creation of a suitable place for naval operations in the Indian Ocean" (Panikkar, 1953, p. 39).

Neste sentido, o Islã foi um inimigo comum, Foi um ponto de contato entre os portugueses e algumas regiões do sul da Índia, onde primava o hinduísmo.

Adicionalmente, o intento de penetração portuguesa não terminou na Índia. Albuquerque, outros dois capitães importantes na historia naval portuguesa no Índico, logrou conquistar temporalmente, com apoio chinês, o porto de Malaca, que era controlado pelos Sultões de Malaya. A conquista de Malaca, em 1512, daria a possibilidade de controlar o fluxo de comércio com o Oceano Pacífico e, mais concretamente, significou o ponto máximo da estrutura de controle naval portuguesa no Índico, como destaca Panikkar (1953, p. 41):

With the conquest of Malacca, Albuquerque completed the structure of European maritime empire in Asia. He had set out to build up a commercial empire based on an unchallengeable position in the Indian Ocean. The major ports on the coast of Africa were already under Portuguese domination, but before his time there was in India only a small foothold in Cochin, and no strong points anywhere from which Portuguese naval authority could be enforced. By the annexation of Socotra, by political influence at Ormuz and by holding Malacca he established a system of control which remained unshaken as long as Portuguese naval power remained powerful enough in Europe. To enable this policy to be carried out successfully it was essential that there should be a territorial base in India functioning as the central pivot of Portuguese power. The conquest and partial settlement of Goa and its development as a metropolitan city with the complete paraphernalia of government constituted the foundation of all his schemes.

Em meados do século XVI, no momento de maior extensão do domínio português sobre o Índico, um primeiro "colar de pérolas" português pode se configurar, embora sem domínio territorial, apenas do mar. Desta maneira, o processo iniciado por Henrique "o navegador", e materializado por Vasco da Gama, Albuquerque e outros, marcou o começo do domínio do poder naval atlântico sobre o subcontinente Índio, e, sobre Ásia, de maneira mais geral.

O "colar de pérolas" português



3. Concorrência interimperial e penetração e domínio territorial britânico na Índia (1600-1947)

Sobre finais do século XVI, e principalmente durante o século XVII, o domínio português sobre o Índico começou a ser disputado por outras potencias provenientes do Atlântico, como Holanda, França e Inglaterra, projetando -e inserindo- no Índico a concorrência interestatal -e interimperial- que dará origem ao capitalismo moderno. Na península ibérica, em 1580, Felipe II unifica as coronas de Portugal e Espanha, subordinando a expansão portuguesa no

Índico à estratégia espanhola. Na Inglaterra, amparada no protestantismo, Isabel I decide disputar o monopólio ibérico-cristão no Índico. Adicionalmente, os comerciantes dos Países Baixos dominavam o comércio de temperos na Europa, num corrimento do porto dinâmico desde Lisboa até Antuérpia.

Neste contexto, em 1592 a Companhia Holandesa das Índias Orientais foi criada e capitalizada em 1602 pelo estado geral de Holanda. Com o apoio de Zamorin, convertido já em um inimigo dos portugueses, os holandeses logram conquistar Jakarta, em 1619, comandados por Jan Pieterz Coen. Este não é um ponto menor porque, segundo Panikkar (1953), foram os holandeses os encarregados de desintegrar o poder português no Índico. Depois de Jakarta, em 1641 os holandeses expulsam aos portugueses de Malaca, avançando posteriormente, em 1654, sobre Ceilão (hoje Sri Lanka) e em 1660 sobre Cochim. Até meados do século XVII, os holandeses viraram hegemônicos no Índico, deslocando aos portugueses -embora eles mantivessem estabelecimentos em Goa, Macau e Timor- e estabelecendo conexões com o Pacífico, chegando a comerciar com o império Manchú, mas principalmente com Japão, onde inclusive abriram feitorias em Hirado e Deshima.

A CBIO partiu para a Índia em 1601, voltando à Inglaterra em 1603. Pode-se dizer que, durante quase um século e meio, até a batalha de Plassey, em 1757, a presença inglesa na Índia existiu -logrando inclusive ter postos para comerciar em Bumbai, Madras e Calcutá- mas não foi relevante. Por um lado, os holandeses mantiveram durante a maior parte do século XVII o monopólio sobre o comércio com Indonésia, impedindo a passagem dos ingleses até o Pacífico. Além disso, embora os têxteis indianos ganhassem grande fama e demanda na Inglaterra, a CBIO não tinha o que vender na Índia, dificultando a operação da CBIO. Adicionalmente, ao final do século XVII, Henrique IV, de França, alertado da importância de não ficar fora da concorrência europeia no Índico, também enviou sua própria Companhia Francesa das Índias, que logrou estabelecer um posto em Pondicherry.

Como destaca Dalrymple (2015), a penetração da CBIO no território indiano se dá em paralelo ao declínio do poder territorial dos Mogóis e na reemergência dos reinos descentralizados:

The rapid rise of the East India Company was made possible by the catastrophically rapid decline of the Mughals during the 18th century. As late as 1739, when Clive was only 14 years old, the Mughals still ruled a vast empire that stretched from Kabul to Madras. But in that year, the Persian adventurer Nadir Shah descended the Khyber Pass with 150,000 of his cavalry and defeated a Mughal army of 1.5 million men. Three months later, Nadir Shah returned to Persia carrying the pick of the treasures the Mughal empire had amassed in its 200 years of conquest: a caravan of riches that included Shah Jahan's magnificent peacock throne, the Koh-i-Noor, the largest diamond in the world, as well as its "sister", the Darya Nur, and "700 elephants, 4,000 camels and 12,000 horses carrying wagons all laden with gold, silver and precious stones", worth an estimated £87.5m in the currency of the time. This haul was many times more valuable than that later extracted by Clive from the peripheral province of Bengal.

Em meados do século XVIII, Bengala (Calcutá) tinha se convertido em um dos portos de maior trânsito comercial da Índia, concentrando inclusive parte do comércio com o Pacífico. Assim, além da queda no poder Mogol, a conquista de Bengala foi determinante para lograr o autofinanciamento da CBIO, que permitiu a expansão posterior, através do "fiscalismo militar". Como coloca Dalrymple (2015) a batalha de Plassey (1757), foi mais um acordo celebrado entre Clive, o Director Geral da CBIO e elite comerciante-financeira local que uma batalha:

Plassey... was the result, was a transaction, not a battle, a transaction by which the compradors of Bengal, led by Jagat Seth, sold the nawab to the East India Company. The nawab's generals, already in league with the Hindu merchant princes and their British allies, did not fight and the treacherous general, Mir Jafar, received, as the price of his betrayal, the Nawabi of Bengal.

A partir da "vitória de Plassey", a expansão territorial-militar da CBIO na Índia foi drástica. Entre as principais vitórias, se destacam: a batalha de Buxar (1764), onde vencem a combinação de três poderes locais, isto é, Mir Kasim, que tinha sido o nabab (governador) de Bengala, Suja-ud-Daula, o nabab de Awadh o Oudh, e Shah Alam II, o imperador mongol; a vitória sobre os Tipu, em 1799, que contavam com apoio francês e sobre os Maratas, em 1817. Neste sentido, a disputa pela hegemonia europeia, que se materializou no velho

continente na Guerra da Sucessão Austríaca (1740-1748) e na guerra dos Sete anos (1756-1763), teve seu paralelo no território indiano. Consequentemente, os franceses, liderados por Joseph François Dupleix chegaram a fazer certa resistência direta aos ingleses, como por exemplo em Madras, em 1746, ou indireta, apoiando os poderes territoriais locais, principalmente os Tipu e os Maratas. Não obstante, além dos resultados bélicos na Europa, no plano local, os franceses nunca tiveram os recursos dos ingleses na Índia, dado que o volume de comércio da CBIO era quatro vezes maior que a dos franceses, sobretudo porque chegaram mais tarde e tinham menos conexões com mercadores e financistas locais. Sem dúvidas, isto facilitou o avanço inglês.

Cabe destacar que superioridade tecno-militar dos europeus sobre os poderes territoriais locais, segundo Metcalfe e Metcalfe (2013, p.73), não foi um fato menor:

Os quatro anos de guerra de 1744 a 1748 tornaram visível, pela primeira vez para os europeus, o poder da infantaria disciplinada na guerra conduzida na Índia. Algumas centenas de soldados franceses ou britânicos, atirando em salvas em uma formação em quadrado, podiam agora conter milhares de cavaleiros mongóis. Por conseguinte, um contingente de tropas europeias valia um bocado para um governante indiano”. Além da superioridade militar, o esquema de alianças da CBIO também teve um papel relevante: "Novas aquisições substanciais ocorreram por meio do funcionamento do sistema subsidiário de alianças. Concebidas na época de Clive, essas alianças entre a Companhia e os príncipes indianos eram justificadas como maneira de proteger Bengala de ataques, mobilizando suas tropas dentro de Estados que lhe eram favoráveis. O príncipe, por seu turno, obtinha proteção contra seus inimigos, externos e internos, e concordava em arcar com o custo das tropas e aceitar um residente britânico na sua corte. Com esse arranjo, o príncipe tinha certeza de ter um aliado poderoso, enquanto os britânicos podiam enfrentar seus inimigos a uma distância segura do seu próprio território e compartilhar com outros o custo de manter seu dispendioso exército. Entre aqueles atraídos de início para essa rede de obrigações estavam os governantes de Arcot, Awadh e Haiderabad. Contudo, o funcionamento desse arranjo aparentemente equilibrado só fez levar à conquista britânica e a falência indiana.

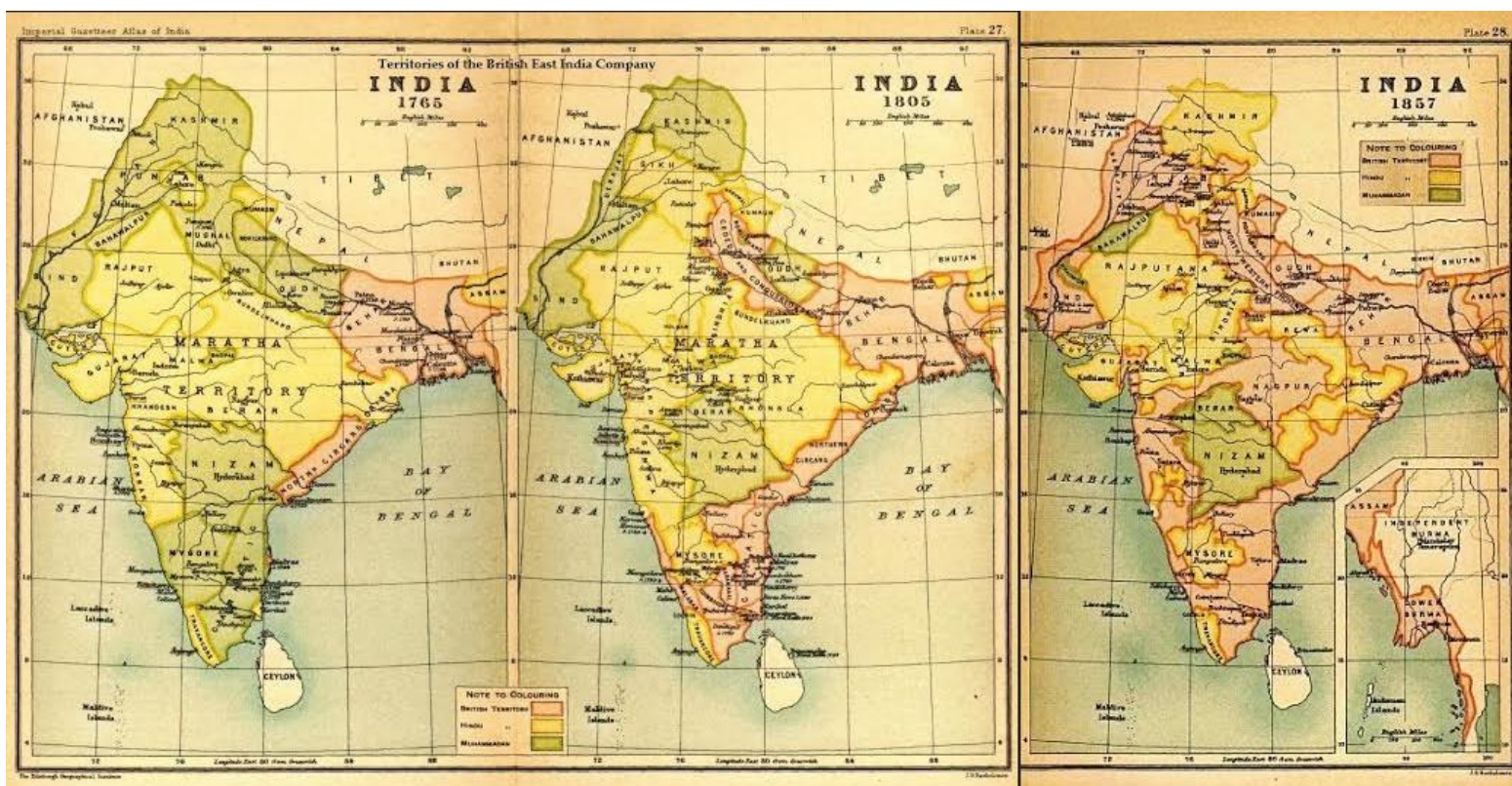
Embora a CBIA fosse uma empresa privada que tinha cotação na Bolsa de Valores de Londres é inegável que ela estava inserida num esquema de projeção imperial. Como desenvolve Robins (2006), as relações entre a Coroa e a CBIO também não eram tão lineais, existindo momentos de maior sintonia e outros de maior tensão. Por exemplo, Adam Smith era um dos maiores críticos

do monopólio da CBIO, entanto que o filósofo James Mill, o pai de John Stuart Mill um dos acionistas da companhia. Dalrymple (2015) enfatiza o alinhamento entre a CBIO e o poder legislativo na Inglaterra:

When it suited, the East Indian Company made much of its legal separation from the government. It argued forcefully, and successfully, that the document signed by Shah Alam –known as the Diwan– was the legal property of the company, not the Crown, even though the government had spent a massive sum on naval and military operations protecting the EIC’s Indian acquisitions. But the Members of the Parliament who voted to uphold this legal distinction were not exactly neutral: nearly a quarter of them held company stock, which would have plummeted in value had the Crown taken over... the need to protect the company from foreign competition became a major aim of British foreign policy.

Excede à finalidade deste trabalho mostrar o grau de alinhamento entre a CBIO e a Coroa britânica. Não obstante, foi através da CBIO que a Inglaterra penetrou no território indiano. Nesta linha, até aqui se intentou mostrar que esta penetração: a) esteve puxada por um contexto de concorrência interimperialista na Europa que se trasladou ao território indiano, b) foi facilitada pela fragmentação do poder Mogol na Índia, c) esteve baseada tanto na superioridade tecno-militar, como num esquema de alianças com os poderes territoriais locais, d) logrou seu autofinanciamento a través do domínio no controle da tributação comercial em Bengala, decorrente do denominado fiscalismo militar. A seguir se apresenta um mapa com a evolução no domínio territorial da CBIO.

Penetração e expansão da CBIO no subcontinente indiano: 1765, 1805, 1857



Em 1847³ se produz em Bengala a Rebelião dos Cipaios, conhecida na Inglaterra como Indian Mutiny. Tratou-se da rebelião anticolonial mais importante do século XIX. Diferentes motivações existiram, desde o não pagamento ao exercito cipaio da CBIO até as motivações religiosas, mas todas tinham o denominador comum de marcar a insatisfação com o domínio da CBIO na Índia. Para a finalidade deste trabalho, a rebelião marcou a última resistência dos poderes territoriais locais, a primeira grande revolta em relação às demandas independentistas e, ao mesmo tempo, a institucionalização e consolidação do domínio britânico, resultando na emergência do Raj Britânico e o final do domínio da CBIO.

³ Outro evento histórico relevante prévio à Indian Mutiny foi a primeira invasão a Afeganistão, procurando frear o avanço russo desde o noroeste. Esta jogada militar terminou com uma derrota humilhante para as tropas inglesas, que tiveram que pelear na montanha, uma área onde não estavam costumadas a se desempenhar.

No período do Raj Britânico⁴, a Índia foi formalmente colônia da Inglaterra. Isto implicou o reconhecimento de certos “direitos”, como o acesso a educação e a alguns cargos públicos, para as castas mais altas ao tempo do desenvolvimento de uma infra-estrutura de controle muito mais desenvolvida, que incluiu ferrovias, correio, telégrafo e rotas. A gestão imperial inglesa procurou aumentar a centralização e o controle interno, reduzir o poder dos príncipes locais e separar os ingleses da população local. A pauta comercial também mudou, passando a Índia a ser um mercado receptor dos têxteis ingleses.

Finalmente, nas duas Guerras Mundiais, a Índia jogou um papel relevante já que enviou tropas e foi uma base de operações no Oriente. Segundo Metcalfe e Metcalfe (2013), na Primeira Guerra, um milhão de indianos foram recrutados, lutando na França e no Médio Oriente. No âmbito local, em 1919, a Índia foi afetada pela pandemia mundial de gripe, o que teve um saldo de milhões de mortes. No caso da Segunda Guerra, Índia tinha um papel central para conter o avanço do Japão e como base para chegar ao Pacífico. Em 1943, ocorreu a Grande Fome em Bengala com outros dois milhões de mortos. As duas guerras geraram na população indiana a expectativa de independência, que teve como manifestação política o surgimento do nacionalismo indiano liderado por Nehru e o movimento não colaboracionista de Gandhi. Aliás, as duas grandes superpotências emergentes a partir da Segunda Guerra, isto é os Estados Unidos e a URSS, estavam a favor da descolonização. Neste contexto, a liderança no Atlântico passava desde a Inglaterra até os Estados Unidos entanto que a Índia transitaria até a independência, em 1947, dando lugar ao que seria a maior democracia formal do século XXI.

4. Independência, consolidação institucional e disputa pelo Oceano Índico no século XXI (1947-Hoje)

⁴ Neste ensaio não se desenvolverá o período do Raj Britânico, por questões de extensão e porque para os fins do ensaio, a penetração territorial na Índia já tinha sido protagonizada pela CBIO.

A inserção da Índia independente no tabuleiro concorrencial interestatal global pode se subdividir em dois grandes períodos: desde a independência até a caída do muro de Berlin, em 1989, e no período pós-guerra fria, até hoje. Grosso modo, pode-se dizer que o período da guerra fria se correspondeu ao período do auge do nacionalismo indiano, do Partido do Congresso e da política externa de não alinhamento. Enquanto que o período pos-guerra fria significou uma etapa de maior abertura e inserção global, da entrada na cena política do Partido Popular Indiano (BJP) e do crescente gasto militar, focalizado, em parte, em aumentar a presença e o controle sobre o Índico, no meio da disputa global entre os Estados Unidos e a China. Adicionalmente, a este quadro geral, deve-se acrescentar o papel dos elementos regionais, principalmente ao que se refere aos países vizinhos. Neste sentido, o relacionamento com Paquistão, Bangladesh e a China, assim como com os países menores como Sri Lanka ou Nepal, estão permanentemente em agenda da Índia independente.

Assim, a saída dos britânicos deixou como herança as principais disputas de fronteira da Índia atual, em Caxemira, com Paquistão principalmente, com Bangladesh e a disputa com China, principalmente no Tibet. Neste sentido, as invasões no Afeganistão de parte dos britânicos são um antepassado da disputa com Paquistão, num relacionamento de larga data, entre hindus e muçulmanos, que chegou a ser caracterizado como "o conflito dos mil anos". De fato, todos os enfrentamentos bélicos da Índia independente se deram por estas disputas de fronteira. Em 1947, a partição inicial entre Índia e Paquistão já gerou um enfrentamento entre hindus e muçulmanos, que se estima tenha chegado a um milhão de mortes.

Com a China, o principal enfrentamento bélico foi em 1962, na área de Caxemira e no leste do Tibete. Nehru, que não era um militarista, desafiou os chineses desrespeitando o limite traçado pelos ingleses numa área do Tibete, conhecida como "linha de McMahon". Previamente, em 1959, durante a rebelião tibetana, a Índia deu asilo ao Dalai-Lama, gerando um forte desentendimento com a China que previu um avanço da Índia sobre o Tibete. A contraofensiva chinesa penetrou pela zona da Caxemira, na planície do Hindustão, em direção até Déli. Nehru pediu apoio a Kennedy, para conter o avanço chinês. Não

obstante, foi o próprio Mao que freou a ofensiva chinesa, ordenando às tropas a voltar para a China, conformando-se com uns modestos avanços na linha de fronteira. A derrota de 1962 foi a maior humilhação militar da Índia, evidenciando as limitações da política para a defesa de Nehru e reinstalando o debate sobre a necessidade de desenvolver a energia nuclear com fins bélicos.

Principais enfrentamentos bélicos da Índia independente



O período de nacionalismo indiano teve duas grandes figuras como Primeiros Ministros: Nehru (1947-1964) e Indira Gandhi (1971-1981). Nos dezessete anos de governo de Nehru se desenvolveu o que hoje poderíamos denominar a estrutura básica do sistema nacional de inovação indiano, criando as seguintes instituições: Atomic Energy Commission (1948), University Grants Commission (1956), Defence R&D Organization (1958), Science Division e Indian Institute of Technology (1951), Space Commission e Electronics Commission. Para Nehru, e em termos mais gerais para os nacionalistas indianos, o desenvolvimento científico tinha um lugar central na consolidação de seu projeto pós-colonial. Uma de suas frases mais famosas a respeito foi que

a Índia devia “acender um incenso no altar da ciência”. A big science começou a desenvolver-se na Índia, baseada em projetos sobre energia atômica e aeroespço.

Em relação a política externa e de defesa, é relevante lembrar que o Partido do Congresso não teve uma postura militarista, o que ficou claro na derrota de 1982 com a China. Neste sentido, Ogden (2011, p. 5) observa:

As both India's first Prime Minister and first Minister of Defence, the beliefs of Jawaharlal Nehru dominated the making of Indian foreign policy from 1947 until his death in 1964. Central to these beliefs was that India had 'special rights and duties in the management of international society based on its status as one of the world's major civilisations'. In turn, India's international interaction was to be a form of positive neutralism based upon purna swaraj (complete independence), consisting of an independent foreign policy and separation from big power games, also often termed as enlightened national self-interest. Such a policy was central to establishing India as an inherently self-determining, powerful and stable nation on the international stage. Mahatma Gandhi's principles of ahimsa (non-violence) further imbued India with an aversion to pure power approaches, influencing how she wished to achieve Great Power status. Ahimsa was linked to ideas of an emerging alternative world order after the Second World War in which the use of force was minimal, racialism was repudiated and countries were emancipated from imperialism.

No contexto da guerra fria, a Índia recebeu assistência financeira, tecnológica e militar tanto dos Estados Unidos como da URSS. Por exemplo, depois da guerra com China, a Índia recebeu U\$S 80 milhões de assistência militar. Aliás, o estado americano financiou e prestou assistência técnica na denominada revolução verde indiana, em meados da década de 60, que permitiu aumentar os níveis de produtividade agrícola e contribuiu na diminuição das mortes por fome extrema. Segundo Cohen (2001, p. 270):

The goal of America's containment policy... was to help India and Pakistan defend themselves against external attack, to obtain bases and facilities from which the US might strike the Soviet Union with its own forces, and to help both states meet the threat from internal (often communist-led) insurrection and subversion. US analyst saw India as the "pivotal" state of the region and Pakistan as a useful place to base long range US bombers as well as a potential ally in the tense Persian Gulf region.

Paralelamente, o desenvolvimento do setor nuclear e aeroespacial indiano tiveram o apoio soviético. Também o setor siderúrgico recebeu empréstimos e transferência tecnológica a partir de especialistas russos.

Assim, durante a guerra fria, antes da aproximação entre a China e os Estados Unidos no final da década de 60 e no início da de 70, apesar de ter um maior alinhamento com a URSS, com claras manifestações de Nehru a respeito, da existência de um certo rechaço aos Estados Unidos pela sua ligação com a Inglaterra e de passar por momentos de maior ou menor relacionamento com cada um deles, o não alinhamento indiano permitiu à Índia usufruir da cooperação técnico-financeira de ambos países, embora manteve ela longe de entrar na liga do hard power. Neste sentido, a Índia teve de conviver com os impactos da guerra fria em sua área de influência. A invasão russa sobre Afeganistão e o constante apoio militar dos Estados Unidos ao Paquistão são só algumas dessas manifestações.

Morto Nehru em 1964, Indira Gandhi, filha de Nehru, assumiu em 1966. Com interrupções, será a figura política que governará a Índia por outros quinze anos. Indira aumentou o gasto em defesa, aprofundou a relação com a URSS, reprimiu com dureza a insurgência sij no Panjab e não duvidou em usar a força e os decretos para governar em tempos de instabilidade institucional, apoio a independência de Bangladesh o que gerou fortes tensões com Paquistão e os Estados Unidos de Nixon e Kissinger, aprofundou os recursos destinados a financiar a revolução verde, amarela e branca e tomou a decisão de desenvolver a energia nuclear com fins bélicos em resposta aos desenvolvimentos nucleares da China. A primeira detonação nuclear da Índia chegou em 1974. Indira foi morta por sua própria guarda presidencial em 1984, eles pertenciam à minoria sij.

Grosso modo, o período que começa a vislumbra-se nos anos 80s, mas que se inicia formalmente com a New Economic Policy de 1990, se caracteriza pelos seguintes elementos: **a)** a realocização geopolítica da Índia no contexto de hegemonia americana, durante a década de 90, e a posterior emergência e

consolidação da China no cenário internacional, no século XXI, **b)** a emergência na cena política indiana do Partido Popular Indiano (BJP), **c)** a abertura, desregulação e privatização de alguns setores da economia, **d)** o apoio a internacionalização do capital local, **d)** o “boom” do setor de IT e serviços empresariais, **f)** os problemas em matéria energética e o processo de urbanização. Assim, desde a década de 90 a Índia esta crescendo a taxas anuais não menores ao 6%. As causas deste crescimento são diversas e ainda devem ser aprofundadas, mas entre elas aparecem: a emergência do setor serviços e o ingresso de capitais que aliviaram os problemas de balança de pagamentos, o crescimento da China e seu impacto na economia Indiana, o processo de urbanização que tem levado a um forte gasto estatal em termos de infraestrutura, energia, habitação, esgoto, etc. que tem impactado positivamente na evolução do PIB.

O ponto importante que chegamos ao fim do nosso ensaio é o seguinte: a emergência da China como potência econômica e militar, mas também da Índia, por uma questão de escala, posicionam ao Índico novamente como o cenário de maior fluxo comercial e disputas concorrencias do século XXI. O ritmo de crescimento destes gigantes asiáticos tem uma correlação direta sobre suas necessidades em matéria energética e alimentícia: a China importa o 80% do petróleo que passa pelo estreito de Malaca. Por sua vez, as suas necessidades em matéria energética ligam estes países com os de Oriente Médio, existindo diferentes projetos de oleodutos entre China/Índia/Irão/Iraque, levando a um maior relacionamento entre esses países, o que não agrada aos Estados Unidos. Neste sentido, embora ainda longe do poderio militar americano, no século XXI, o gasto em defesa da China e da Índia tem crescido a ritmo constante. Assim, como afirma Kaplan (2010): *"The Indian Ocean is where the rivalry between the US and China in the Pacific interlocks with the regional rivalry between China and India, and also with America's fight against Islamic terrorism in the Middle East, which includes America's attempt to contain Iran"*.

Sobre a relação entre a China e a Índia no que diz respeito ao Índico, Kaplan (2010) aponta:

[...] competition between India and China, caused by their spreading and overlapping layers of commercial and political influence, will play out less on land than in a naval realm. In the Bay of Bengal, where both nations will have considerable maritime presences, owing to the closeness of Burma as well as the Andaman and Nicobar islands, possessed by India near the entrance of the Strait of Malacca...Conversely, India and China's mutual dependence on the same sea lanes could also lead to an alliance between them that, in some circumstances, might be implicitly hostile to the US.

Complementariamente, Kaplan (2010) pontualiza uma maior presença no Índico permitiria quebrar sua dependência do trânsito naval no Estreito de Malaca:

It is an old fear, for Ming dynasty China's world was disrupted in 1511 when the Portuguese conquered Malacca. In the 21st century an escape from the Malacca dilemma means, among other things, eventually using Indian Ocean ports to transport oil and other energy products via roads and pipelines north into the heart of China, so tankers do not have to sail through the Strait of Malacca to reach their destination. This is just one reason China wants desperately to integrate Taiwan into its dominion, so it can redirect its naval energies to the Indian Ocean.

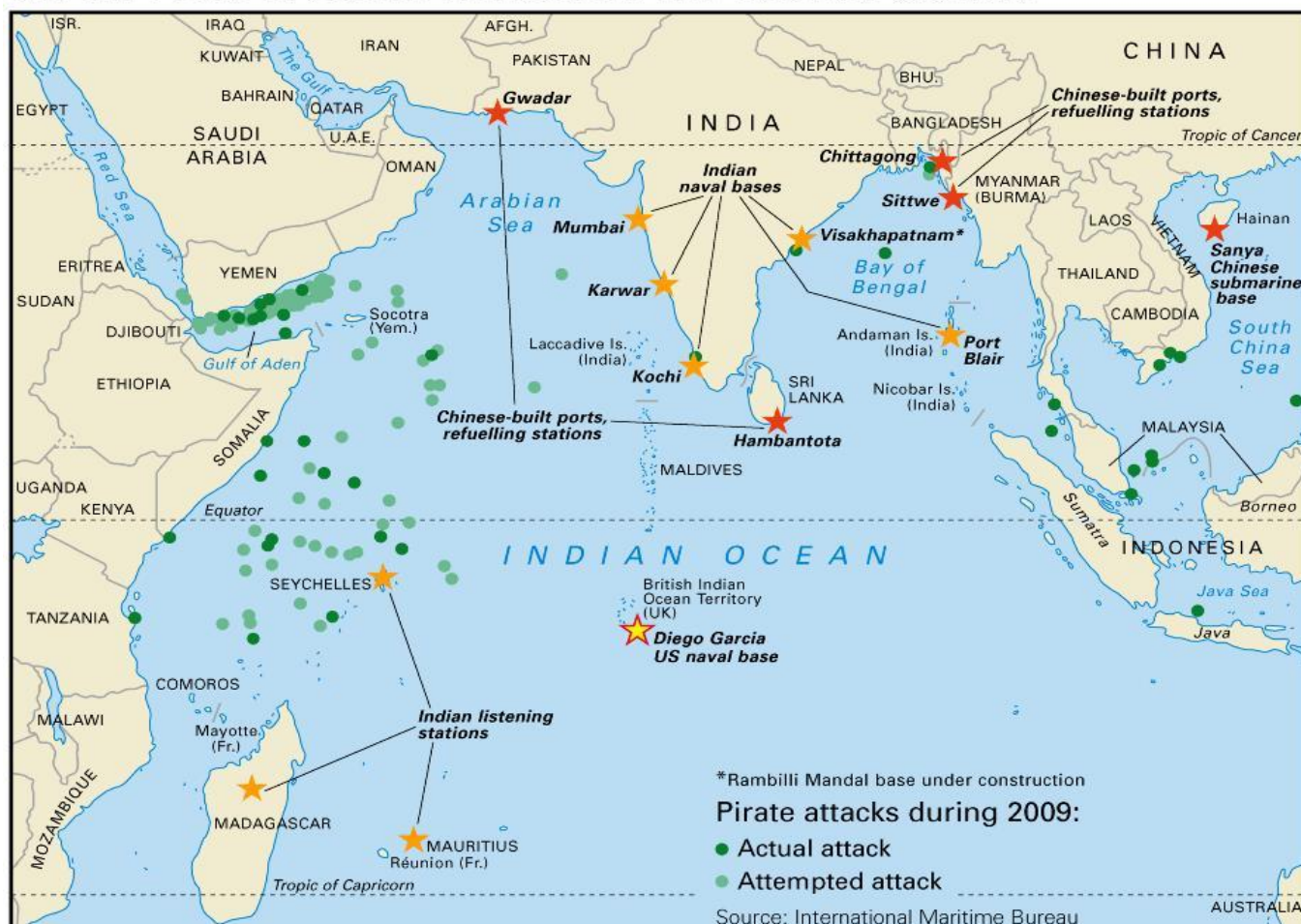
A recente presença de submarinos chineses nas costas de Sri Lanka é só uma mostra da projeção de Beijing sobre a área (La Nación, 2014).

Em relação aos Estados Unidos, Kaplan (2010) coloca:

The US may not control events inside the "big sandbox" of the Middle East but, as military analyst Ralph Peters suggests, it will compensate by trying to dominate the doors in and out of the sandbox: the straits of Hormuz and Bab el Mandeb, choke points where the naval presence of India and China will be expanding alongside America's.

Neste sentido, para os Estados Unidos, embora o Índico seja o oceano geograficamente mais protegido, por um lado, pela África, e pelo outro, pelo leste asiático, qualquer ataque militar ao Oriente Médio parte de suas águas,

GREAT POWER COMPETITION IN THE INDIAN OCEAN



principalmente desde a Ilha Diego Garcia, ou num caso mais extremo, desde Austrália. Assim, no mapa que segue se apresentam as principais bases e postos dos Estados Unidos, da China e da Índia no Índico.

Pode se observar que, por um lado, um novo "colar de pérolas" pode se formar entre as bases e postos chineses que contornam a Índia. Por sua parte, esta última também pode projetar-se sobre o Índico através de suas bases/postos/portos em Port Blair, Seicheles, Madagascar, Maurício e no porto de Chabadar, no Irã. Finalmente, os Estados Unidos mantém bases militares na ilha Diego Garcia e na Austrália. Não obstante, cabe esclarecer que não só possui bases estritamente militares, mas também portos, como o de Chabadar, ou estações de radar, como em Seychelles. Neste sentido, esta é uma relevante diferença da época da guerra fria, no sentido que não se trata unicamente de

bases militares, porém de postos civis, mas que podem virar militares em caso de necessidade.

No que se refere a projeção militar-naval da Índia atual, em 2014, segundo dados da SIPRI, a Índia foi o sétimo país no mundo em termos de gasto corrente em defesa, com 50 bilhões de dólares. Os primeiros três países foram os Estados Unidos, com 610 bilhões, a China, com 216 e a Rússia, com 84. Não obstante, a partir da assunção de Narendra Modi, atual Primeiro Ministro indiano, as projeções de IHS indicam que Índia superaria a Rússia no 2020, convertendo-se no terceiro país do mundo em termos de gasto. Com relação ao poder nuclear, segundo SIPRI Yearbook 2015, em 2014 a Índia contava com um número de ogivas nucleares entre 90 e 110, posicionando-se depois de Rússia (7.500), os Estados Unidos (7.260), França (300), China (206) e Reino Unido (215) e com quase o mesmo poderio que Paquistão, que contava com entre 100 e 120 ogivas. Em termos de quantidade de tropas, o exército indiano é um dos maiores do mundo, contando em 2014 com 1,5 milhões de tropas ativas e 1,4 milhões em reserva. Além disso, outras 2 milhões em tropas que compõem as forças paramilitares indianas, entre as que figuram os Assam Rifles, a Indian Coast Guard e a Força Especial de Fronteira. Contudo, vale marcar que a Índia importa 70% de suas armas, sendo um dos maiores importadores de armas do mundo e suas forças armadas ainda apresentam estruturas e tecnologias antiquadas, próprias do “estado da arte” da Segunda Guerra Mundial.

Por sua parte, a armada indiana é considerada dentro das cinco principais armadas do mundo e se destaca pelo balanço entre capacitações navais, aéreas e capacidade de transporte e missilística. Por sua vez, a Índia conta com capacidade própria de desenvolvimento e fabricação de mísseis e navios. A partir de 2001, tem se destacado por operações conjuntas entre as que aparecem operações de escolta a armadas norte-americanas e russas, operações de resgate no Líbano e várias missões anti-pirataria. Contudo, as forças armadas, em termos gerais, e a armada, em particular, enfrentam um processo de modernização. Neste sentido, Narendra Modi ordenou, no ano passado, acelerar a construção de seis submarinos diesel convencionais, a custo estimado de 8.100 milhões de dólares, que se somam a outros seis de similares

características, que a empresa francesa DCNS esta montando no porto de Bumbai para substituir uma frota que já tem 30 anos. Estima-se também que, em 2016, estará pronto o primeiro submarino nuclear de construção indiana, equipado também com mísseis nucleares, um que será adquirido na Rússia e, dois ao grupo industrial Larsen & Toubro Ltd.

Finalmente, é preciso ressaltar as ações do Primeiro Ministro Narendra Modi, do partido nacionalista hindu Bharatiya Janata Party (BJP), que assumiu em 2014, desbancando o Partido do Congresso, que governou durante a boa parte da história da Índia independente. Este outsider da elite indiana tem participado em seu primeiro ano de governo em mais reuniões bilaterais e multilaterais que qualquer outro Primeiro Ministro indiano na história. Segundo a revista americana TIME (2015): *“Modi, however, is a realist who loves to play on the grand chessboard of geopolitics. He is clearly seeking to steer foreign policy in a direction that would significantly aid his strategy to revitalise India’s economic and military security”*. Neste sentido, alguns analistas colocam que com Modi, a Índia estaria passando do não-alinhamento até o multi-alinhamento, através de uma agressiva política de acordos bilaterais, que priorizam os interesses comuns em matérias econômica, de segurança e militares. Mais concretamente, Modi tem decidido aumentar o gasto militar e considera a segurança uma área central para a Índia contemporânea. Em relação ao Índico, em março de 2015, Modi liderou uma visita à Maurício, Seychelles e Sri Lanka com o objetivo de oferecer assistência militar e financeira, e assim balancear a projeção de poder da China. Vários projetos de cooperação foram assinados.

5. Palavras finais

Neste ensaio buscou-se mostrar que desde a chegada dos portugueses ao Índico, a Índia não logrou combinar um poder territorial centralizado com uma presença forte sobre o oceano onde corre a monção. Devido a sua particular localização geográfica, nos últimos cinco séculos, a Índia tem ficado no meio de uma concorrência entre as potências atlânticas e, especialmente no início do século XXI, entre os Estados Unidos e a China. Caso efetivamente

aceitemos que o Índico ocupará um lugar central na acumulação de poder econômico e militar no século XXI, teremos que visualizar que a Índia, que logrou consolidar um poder central autônomo, que se projeta como o terceiro país de maior gasto militar do mundo e que tem puxado o crescimento econômico global durante as últimas três décadas, ocupará uma posição central, como juiz e parte, na concorrência interestatal do presente e dos próximos séculos.

Referências

- Braudel, F. (1987) **A dinâmica do capitalismo**, Rocco, Rio de Janeiro.
- Braudel, F. (1996) **O jogo das trocas**. Martins Fontes, São Paulo.
- Cohen (2001) *India: Emerging power*. Brookings.
- Dalrymple, W. (2015) **The East India Company: The original corporate raiders**. The Guardian, 04/03/15
- Fiori, J (2007) **O Poder Global**. Boitempo Editora.
- Fiori, J. (2004) **O poder americano**. Editora Vozes.
- Fiori, J. (2014) **História, estratégia e desenvolvimento para uma geopolítica do capitalismo**. Boitempo Editorial.
- Kaplan, R. (2010) *South Asia's Geography of Conflict*. Center for New American Security.
- Kaplan, R. (2011) **Monsoon: The Indian Ocean and the Future of American Power**. Random House Trade. 2011.
- Kaplan, R. (2013) **Next geopolitical power play will be all at sea**. The Australian, 13 de Novembro de 2010.
- La Nacion (2014) **Una guerra fría submarina avanza en el Océano Índico**. 4 de Dezembro de 2014 (<http://www.lanacion.com.ar/1749198-una-guerra-fria-submarina-avanza-en-el-oceano-indico>).

Metcalfe, B. e Metcalfe, T. (2013) **História Concisa da Índia Moderna**. Edipro.

Panikkar, K. (1953) **Asia and western dominance**. George Allen & Unwin.

Robins, N. (2006) **The corporation that changed the world. How the East Indian Company Shaped the Modern Multinational**. Orient Logman.

TIME (2015) **How Narendra Modi Wants to Change India**. 7 de maio de 2015.

Revista  **HUMANAS**
ISSN: 2358-9485 **UNIFESO** **E SOCIAIS**